2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 15. QUINTA FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PAUTAS.

I

A Reforma e as Fabricas.

424 A REVISTA não póde deixar de annuir ao convite, feito pelo Governo, a toda a imprensa, para estudar a questão das pautas.

Esta questão é vital para o paiz, e reune em si quantas, directa e indirectamente, se referem aos interesses economicos da nação.

A REVISTA, ha muitos annos que estuda estes interesses, e folga de os vêr convocados para uma discussão pausada e seria.

Para cumprirmos com franqueza esse dever, começaremos os nossos trabalhos sobre o assumpto, por algumas breves considerações que nos foram suggeridas pelos documentos officiaes, publicados em o nosso n.º anterior

A reforma das Pautas está em relação com:

As fabricas.

As Finanças.

E o Imposto.

As Pautas, em relação ás fabricas, devem proteger o trabalho nacional, sem fundar nem auxiliar o monopolio.

As Pautas são o meio de aproximar a producção de um paiz do preço dos productos no mercado universal.

De um lado da Pauta, os inqueritos, e do outro as exposições industriaes: — eis-aqui o meio de equilibrar a balança em que o Governo deve pesar, com justiça, os proventos do productor e do consumidor.

Em Portugal, é mister que se resolva, por meio da industria fabril, o problema da penuria da agricultura, a chorar sobre as tulhas cheias, e ao pé dos lagares que transbordam.

Desenganemo-nos. Só as fabricas pódem dar á agricultura os braços, que lhe faltam, e com menor salario; só ellas lhe pódem dar boccas para consumirem o excesso de producção que a esmaga, e que a exportação problematicamente lhe daria.

A distincção esclarecida do que sejam materias primeiras, deve ser uma das partes principaes da Pauta, em relação ao direito.

Não se póde pela analyse dos varios productos da industria, achar quaes sejam os corpos simples desta vasta chimica humanitaria.

Sobre algumas, já parou a sua discussão, e destas as que não se produzirem no paiz, devem ter livre entrada: para o resto o gráu de importancia deve ser a medida do direito. O producto do trabalho estrangeiro deve estar sujeito a direito sufficiente para dar vantagem ao producto do trabalho nacional. A excepção destas regras são os productos que o paiz não produz, ou não tem aptidão para produzir.

Agora perguntaremos.

¿ Estão definidas quaes sejam as materias primeiras para a industria fabril portuguesa, que, pela entrada livre, não firam o principio protector?

¿ Está calculada a escala de importancia das materias primeiras, que pelo gráu de utilidade devem medir o gráu de direito?

¿ São conhecidos os productos do paiz, que representam aptidão natural e não forçada e ephemera?

¿ Estudaram-se já as forças productivas do paiz. a ponto de conhecer quaes sejam as industrias que este não possa crear?

Affoutamente respondemos, que não, a estas quatro perguntas.

Taes questões são, segundo a nossa opinião, os themas que se devem estudar e discutir, antes da reforma da pauta.

Nem taes perguntas podem ser respondidas, porque faltam os meios proprios para a resposta.

Só um tribunal industrial, um concelho de homens praticos, poderia proceder á classificação das materias primeiras incontestadas, e do gráu de importancia das que não estão neste caso. Falta-nos tão proveitosa instituição.

Os productos do paiz que representam a sua aptidão natural, estudam se nas exposições industriaes dispostas por modo que sejam como um espelho fiel, ante o qual se condusam todos os productos do trabalho nacional. As nossas exposições sendo factos de uma associação particular e não actos do Governo, não podem por modo nenhum representar toda a industria, porque só o governo poderia alcançar este fim.

Falta-nos este meio inquestionavel de analisar as nossas producções fabris actuaes.

As industrias impossiveis no paiz, só prolongados inqueritos sabiamente dirigidos as poderiam indicar. Este meio tambem nos falta e tem faltado sempre.

Examine-se o documento official, que sobre esta discussão nos esclarece sobre os pontos que tocamos.

Diz a portaria circular, que a commissão, creada por decreto de 9 de Março de 1846 deu conta do resultado dos seus trabalhos, appresentando um projecto de alterações que julga indispensaveis na Pauta Geral das Alfandegas, em relação ás suas differentes classes. Quando lemos esta portaria, julgámos que a commissão teria naturalmente dividido os seus trabalhos em duas partes, comprehendendo em uma o relatorio ou exposição dos seus principios e na outra a applicação nas propostas alterações. Enganámo-nos. Os trabalhos da commissão, que já se começaram a publicar, só constam de alterações isoladas e sem nenhuma rasão que as justifique, ou principio em que assentem.

Por este motivo, o estudo que o Governo recommenda ás corporações que manda ouvir pela circular de 2 de Agosto, é não só mui trabalhoso, mas em grande parte é impossivel.

O seu dever, á vista do incompleto trabalho que se lhe remette, é desde já representar ao Governo sobre quaes são os principios em que lhe parece conveniente basear a refórma, indicando quaes sejam os actos governamentaes que a devem preceder. Feito isto e como obra de menor monta exporão o que pensam ácerca das alterações propostas, de que se possa calcular o effeito.

Attendam as corporações ouvidas, a que a primeira circular dispõe que as alterações devem ter em vista os bem entendidos interesses da industria nacional e do thesouro publico, as quaes nós resumiremos em um só interesse — o da nação — para chamar ainda com mais força sobre estes pontos a attenção de taes corporações.

Mas se as corporações ouvidas procederem como nos parece — se o Governo concordar com as suas opiniões, a refórma terá um principio logico e não será uma obra sem base, que apenas se encosta a vagas indicações de uma questionavel classificação. Procedendo assim o Governo não poderá appresentar na proxima sessão o projecto de refórma da Pauta, mas o projecto que houver de appresentar depois, será mais perfeito e mais util ao paiz.

Em consequencia do que deixamos escripto, parece-nos que tendo attendido ás opiniões dos industriaes, que ácerca desta questão deviamos considerar — concluiremos, que, em relação ás fabricas, não é possivel confeccionar nova Pauta com a brevidade annunciada. Em relação ás finanças e ao imposto tambem prova remos que esse prazo ha de ser mais largo.

Estimaremos que nos convençam do contrario.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

OBSERVAÇÕES AO MAPPA DO RENDIMENTO DA AGRICULTURA EM PORTUGAL EM 1848.

(Conclusão.)

425 Somma total Rs. 32.347:313$000.

Esta somma é diminuta, ella devia passar do dobro, entretanto, posto que não ha dados sufficientes e sejão mais as conjecturas para o affirmar, a supposição de que o paiz experimenta progresso na sua riqueza agricola — não padece duvida, devendo-se rejeitar por facticia a generalidade com que se deplora a decadencia agricola em Portugal. Os que advogão esse decadencia fallam, porque não reflectem no que vae pelos outros ramos de trabalho. O progresso da agricultura sem nenhuma hesitação indica-se em tudo em Portugal. Os cereaes e o vinho o dizem. Os legumes tambem, e os farinaceos. Se as nossas culturas fossem mais variadas, mais rapido seria ainda esse progresso, e não se faria sentir em cada uma das especies, porque lhe succederia como na theoria das combinações em que, em quanto as letras crescem na rasão arithmetica, as permutações crescem na rasão geometrica, quer dizer em quanto 10 letras sommadas uma por uma não dão senão 10, sendo permutadas dão 3.628:800.

As permutações então augmentariam um sem numero de vezes, dando sahida mais ampla a cada uma das especies detalhadamente. A França cultiva em grande 18 ou 20 generos differentes segundo se vê na sua Estatistica Geral, a qual se póde e deve consultar porque dahi viria muito a proveitamento para a instrucção economica no nosso paiz.

Rendimento por legoa quadrada.

A prova mais absoluta de que os 32.347:313$000 réis, total do valor annual da nossa agricultura, deviam passar ao dobro, está nesta columna.

Ninguem dirá que a agricultura do districto de Coimbra está levada ao ultimo gráo de perfeição. Está bem longe disso. O genero principal que ella cultiva é milho, que é um cereal de segunda ordem: entretanto se todo o reino fosse cultivado como aquelle districto (111 : 3.791:909$000 :: 2.950 :) renderia a nossa agricultura 100.775 contos, ou mais de tres vezes do que actualmente. Não se tome comtudo, o termo de Coimbra, e tome-se o termo da provincia da Beira, onde está Coimbra, (726 : 9.164:750$000 :: 2.950) e ainda teriamos 39.667 contos em lugar de termos 32.347 contos para o importe da agricultura do reino, e isto não obstante esta provincia, a par do de Coimbra, conter Castello Branco, que é, note-se bem, o districto do minimo rendimento relativo, de todos os 17 do reino.

Passando agora a individuar os districtos, e começando pelos do norte, temos os do Minho, que estão regulares, ainda que o de Braga renda réis 29.113$000 em quanto o do Porto rende sómente 21.611$000 réis. Lá tem porém o Porto o seu commercio maritimo, o qual Braga não tem. Este districto é mui rico sem duvida, mas o do Porto paga 176.581$000 de decima em quanto o de Braga paga 98.651$000 réis tendo ambos a mesma área, signal que, o Porto é mais rico que Braga, posto que Braga tenha maior rendimento agricola que o Porto. Transgressando desde o Minho para leste, vão-se encontrar os dois districtos de Tras-os-Montes que estão mui irregulares. Comprehende-se bem que todos os terrenos não tenham a mesma bondade mas entre Villa

Real e Bragança não devia haver tanta differença quanta vae de 19.156$000 para 5.957$000 réis.

A pobreza que mostra Bragança deve ser attribuida em parte a desleixo, o qual deve servir de thema a um e mais officios da parte do Governo, ao respectivo Governador Civil para que explique as causas desta pobreza no seu districto, e simultaneamente para que indique os meios para ella haver de se ír gradualmente removendo conforme fôr mais praticavel.

Os cinco districtos da Beira tem em si o maximo e minimo rendimento por legoa quadrada. A prerogativa no minimo rendimento, quer dizer, a ostentação da maxima miseria entre todos, é uma bem triste distincção e que custa bem quanto representa, porque não póde haver maior sacrificio a supportar do que é o de não ter. Não ter, custa muito mais do que custa o trabalho, para ter. Soffrem-se muitos mais vilipendios, e praticam-se muitas mais villanias, não tendo, do que tendo. Um paiz ameno como é o de Castello Branco, não é possivel soffra tanta miseria na sua lavoira, senão por causas que são estranhas ao seu territorio. Estas causas devem ser procuradas até se descortinarem.

Passando ao centro meridional e dahi até ao sul do reino, a mediania da Estremadura e a do districto de Lisboa, só com 11.309$000 réis de rendimento agricola por legua quadrada, accusa grande abandono nos estremenhos. Accusa nelles muita ignorancia e muita preguiça. Na Estremadura ha muitos e muitos terrenos que se estivessem no Minho estariam todos cultivados. A provincia do Alemtejo ainda está mais mal amanhada do que a da Estremadura. O seu termo medio são réis 6.171$000 por legua quadrada contra 11.281$000 réis. na Estremadura. E por ultimo o reino do Algarve, posto que é reino, não é pela sua agricultura que ha de manter o seu titulo. Atravessada de rios, cercada pelo Oceano, e cheia de portos, maiores e menores, tal é a força de inercia a resistir naquella provincia a todas estas vantagens, que os seus habitantes não chegam a retirar do seu sólo mais de 4.212$000 réis de rendimento por legua quadrada por anno.

Em resumo, se se quizer attender a tão importante questão, concluirei com a advertencia, de que se devem em Portugal ter sempre em vista os seguintes districtos até que melhorem, a saber: Bragança, Castello Branco, Beja, e Algarve. Estes são os districto proletarios de Portugal. A estes seguem-se Evora, Portalegre, Guarda, Santarem, Leiria, e Aveiro, e mesmo o de Lisboa, que é o mais mal estreado de todos se se considerão as suas circumstancias privilegiadas. Os bons districtos de Coimbra, Braga, Porto, Villa Real, Vizeu, e Vianna, não precisão que se olhe tanto por elles. Á parte porém esta selecção, não será menos do que para se louvar, dando toda a preeminencia a esses districtos, se se instaurarem para elles egualmente as necessarias averiguações para se saber quaes as medidas, pelas quaes elles se poderão ainda fortalecer mais na producção dos generos de que já abundão, assim como augmentar naquelles em que são menos productivos, e de que se faz menção na parte que é relativa a cada um delles, nestes apontamentos.

—

Classificação segundo a sua importancia dos valores produsidos pela agricultura.

Eu teria prescindido do mui summario contexto que se segue, debaixo desta epigrafe, se não fosse que se falla geralmente na preciosidade de um genero sem attenção ao seu valor, idéa que é errada, e que entendi por isso devia concorrer para rectificar. O vinho não é por certo para se despresar, mas se se olhar para a sua producção venal, elle tem adiante de si outras plantas, nas quaes, qualquer vicissitude, póde fazer muito maiores estragos, do que naquelle liquido. Bem rasteira é a plantação das batatas, mas assim mesmo da sua boa ou má colheita, depende a subsistencia de milhares de creaturas humanas, e mesmo entre nós já em 1848, esta plantação subiu a réis 2:603 contos.

Espero á vista do exposto, que se tome a classificação que tenho feito, no seu sentido proprio, e que se accredite que ella não tem referencia alguma á luta que entre si levantam os lavradores, para que se dê a cada um delles a preferencia, na protecção que todos elles querem uns contra os outros, e todos elles contra o consumidor.

A ordem em dinheiro na nossa agricultura é a seguinte:

1.°	Milho.....	0.292	9.446.526$ réis.
2.°	Trigo.....	0.190	6.175.488$ »
3.°	Vinho etc. ...	0.180	5.822.183$ »
4.°	Centeio.....	0.084	2.729.958$ »
5.°	Batatas.....	0.080	2.603.320$ »
6.°	Azeite	0.056	1.801.570$ »
7.°	Feijão.....	0.049	1.613.144$ »
8.°	Cevada	0.039	1.261.008$ »
9.°	Arroz.....	0.013	436.414$ »
10.°	Sal.....	0.009	307.808$ »
11.°	Favas	0.004	149.904$ »
		0.996	32.347.313$ »
	Fracção.....	4	
		1.000	

Nota sobre os preços.

Se os preços que foram estimados para os cereaes, não fossem de alguma consequencia para o Thesouro Publico, eu não appensaria aqui mais esta nota para tractar delles. Esta consequencia é, que se elles se arbitrarem por uma estimação muito baixa de mais, os valores da nossa agricultura vem a ficar por tão infima quantidade, que as contribuições que equitativamente se lhes devem pedir, ficarão reduzidas quasi a zero.

As rasões que me moveram a fixar os preços, que puz aos cereaes do Mappa, da nossa agricultura em 1848, foram: —

1.° As ommissões e subrepções nas quantidades, que ha quem calcule, em talvez, 20 em 100. Se assim fôr, ficam, por exemplo, os 400 réis preço do trigo, reduzidos a 320 réis.

2.º A differença das medidas. O alqueire tomando um termo medio de todo o reino bota a 110 por 100 de Lisboa. Estes 10 em 100, são mais 40 réis que é preciso reduzir nos 400 réis, que vem então a ficar em 280 réis.

3.º As estações do anno, e altas e baixas de uns annos para os outros. Em 1847 esteve o alqueire de trigo em Lisboa a 1$100 réis, e no resto do reino por pouco menos, morrendo gente de fóme. Além disto o preço do trigo no tempo da colheita é sempre muito menor do que na primavera, devendo-se por isso não tomar um preço por excepção, mas uns poucos delles.

4.º No outono de 1840, sendo publicados os preços dos cereaes em todo o reino, foram por mim calculados os termos medios para as provincias, e sairam: a saber: —

	Trigo.	*Cevada.*	*Milho.*	*Centeio.*
	Réis.	Réis.	Réis.	Réis.
Minho.....	591	348	286	393
Traz-os-Montes..	420	322	253	338
Beira.....	462	313	305	390
Estremadura...	566	345	393	425
Alemtéjo.....	438	304	361	312
Algarve.....	504	329	440	267
Termo medio...	497	327	339	354

Estes termos medios são todos elles, superiores aos preços, que foram agora escolhidos para o mappa de 1848.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

PREPARAÇÃO DOS CHLORIDES DE OIRO.

Tem-se encontrado até agora bastantes difficuldades, para preparar os chlorides do oiro, de cor amarella e de cor vermelha, perfeitamente soluveis na agua, e sem que soffram reducção. O *Technologiste* de Julho passado recommenda, para alcançar-se este fim, os seguintes methodos:

426 Para apromptar o sal de oiro amarello, toma-se agua regia preparada com tres partes de acido chlorhydrico, uma parte de acido azotico e uma parte de agua, e vasa-se sobre oiro puro n'uma capsula (vaso chimico para as evaporações) que se cobre com tampa de vidro e se poem a aquecer n'um banho de agua salgada, mantendo o calor até que não se desenvolvam vapores rutilantes. Tira-se a tampa de vidro, e se o oiro não está inteiramente dissolvido, accrescenta-se uma pouca de agua regia, na capsula que de novo se cobre, e aquece até á cessação dos vapores: obtido este resultado, levanta-se a tapadoira em logar da qual se poem dobras de papel de filtrar, continuando a aquecer no banho até que uma varinha de vidro mergulhada na capsula se cubra de chlorido amarello solido de oiro. Remove-se então da agua salgada o vaso, e o chlorido não tarda que se cristallise em pequenas agulhas prismaticas de bella cor amarella, tirando levemente para alaranjado. Este chlorido é perfeitamente soluvel na agua e sem diminuição, e póde empregar-se nos trabalhos photographicos e n'outros.

O chlorido vermelho de oiro faz-se do mesmo modo, á excepção de que a agua regia prepara-se com duas partes de acido chloridico e uma parte de acido azotico. A operação começa trabalhando sobre o oiro com um excesso de agua regia n'um banho de arêa, empregando-se tão sómente o banho de agua salgada, quando o metal está inteiramente dissolvido. No restante opera-se como para obter o chlorido amarello.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XVI.

(Continuado de pag. 496.)

427 O bom de Laplace indo vêr uma tragedia de Racine, perguntou ingenuamente no fim: *Qu'est-ce que cela prouve?*

Estes livros escritos no seculo actual, entre um artigo de fundo, e a laboriosa leitura de algum phampleto economico, necessitam com mais justiça da mesma interrogação.

Que importam os padecimentos individuaes, nesta vasta synthese em que se desvela a humanidade? A alma de um poeta, affogada neste oceano tempestuoso de uma sociedade que se transforma, poderá condemnar o pensamento que preside ás evoluções do mundo moral?

É exactamente a opinião do meu amigo C***: do critico S***, do antiquario G***, do poeta T***, d'uma quantidade consideravel de homens de lettras, reunidos á hora do caffé, em *orgia intellectual.*

A victima escolhida, para os impacientes escalpellos daquelles anatomistas do pensamento, era o romance: — *As memorias d'um doido.*

O auctor assistia com indifferença a esta memoravel sessão, regalando-se com chavenas successivas de caffé, como Balzac, e fumando detestaveis charutos do contracto, peiores de certo do que os que fuma Alfredo de Musset quando

escreve, e ria de vez em quando dos *lazzis* quinhentistas d'um famoso folhetinista, admirador do auctor das *Epanaphoras*, e zeloso enthusiasta da puresa artistica dos nossos velhos anexins.

— O teu heroe é absurdo, — disse T***, atormentando entre os joelhos as frageis pranchas d'uma cadeira — quem diabo lhe deu o dezejo de amar, e ao mesmo tempo uma tão horrivel repugnancia para o casamento? São factos tão mathematicamente ligados, como o ponto de chegada, e o ponto de partida para um navio de commercio!

— E demais — atalhou C*** — o heroismo é a coisa mais incommoda que se conhece. Atormenta o mundo, e devora-se a si, quando lhe dá para sahir da esphera pacifica da sua idealidade. Que culpa tinha a França de que Napoleão fosse um grande ganhador de batalhas, e um formidavel consumidor de homens? Que desgraça não é para um paiz quando supporta os accessos de uma organisação bellicosa e indomavel?... As notas fulminantes de Palmerston, e os projectos ambiciosos de Nicoláu!...

— Apoiado! apoiado! — exclamou L*** — o heroismo só se consente em musica... desfaz-se então em notas de papel pautado, e em grandes trovoadas de harmonia... Acaso Beethoven não é a maior imaginação talvez que tenha apparecido ha muitos seculos?... Se Deus lhe concedesse a mania da guerra, tinhamos a Europa nadando em sangue: felizmente, embebedava-se diariamente com vinho do Rheno, na taberna *du chat qui pelotte*, acompanhado daquelle grande genio, dos *contos fantasticos* — Hoffman!

— Os musicos esses é que comprehendem o amor! applicam a excitabilidade nervosa aos affectos do coração... — affirmou F***. — Vejão como Madame Dudevant vivia na intimidade de Liszt, e de Choppin!...

Eu estava no meio da minha terceira chavena de caffé, e fumava gravemente o meu quarto charuto.

— Francamente, o teu heroe é um ente detestavel! O destino tinha-o feito para *cicerone* daquelles celebres viajantes inglezes, carregados de *bank-notes*, e de *Spleen*, que passeiam de casaca e luvas brancas, pelas ruinas de Pompeia. Com que sentimento e bella pronuncia italiana, não diria elle: *Ecco la casa di Diomede, sepolto nella cinere del Vesuvio, ottanta anni doppo Jesu-Christo. — Ecco la bottega o cafe, dove gli Romani pigliavano sorbetti doppo pranso. — Ecco il tempio della Fortuna Augusta*, e muitos outros *eccos* de distincta recordação.

E o mavioso cantor das margens do Tejo affogou este trecho de eloquencia, sorvendo com admiravel nitidez um copo de agua-raz, condecorada com o titulo pomposo de *Genebra hollandesa*.

— É uma mania como qualquer outra — disse o critico — esta de se tentar crear um D. *Juan*, um *Werther*, um inconsolavel *René*, encostado ás paredes de um café, ou sentado gravemente nos bancos asperos de um bilhar.

O seculo não vai para ahi.... Discute os problemas de população de *Malthus*, e empoleira-se na torre de observação do *phalansterio* de Fourrier.

— Isso agora é verdade — respondi eu — mas protesto contra qualquer approximação que queirão fazer entre mim, e o meu livro.... Acaso Goethe não morreu, n'uma idade, muito rasoavelmente prolongada, fazendo mesuras diplomaticas n'uma dessas côrtes microscopicas de Allemanha? Charles Nodier, o auctor do *Sbogar*, andou alguma vez na sua vida, ensaiando a existencia dos heroes da estrada? O pobre homem expirou, acho eu, entre uma *Flora* monstruosa, e uma importuna memoria de Champollion sobre os hyerogliphicos egypicios. *Requiescat in pace!*

— Mas para que escreveste então essas estiradas dissertações sobre metaphysica de sentimento?....

— Eu podia dizer que deviam isso a uma muito vulgar preoccupação financeira; mas não é verdade... Escrevi, porque nada ha mais commodo do que navegar idealmente no *fleuve du tendre*...

Um dos poetas abriu a boca de um modo tão injuriosamente natural, que me expirou a voz na garganta de despeito.

— E qual é a conclusão que tiraste? — atalhou o critico, com incrivel animação. — Vieste provar mais uma vez, que o scepticismo é a unica situação philosophica do espirito? Que o talento está em reacção continua contra as formulas politicas e sociaes que o comprimem, — que a religião do sentimento, ou morre com a vida, ou se destroe com a experiencia? Isso é velho, mais velho do que os vapores dessa planta, que tu fumas com uma voluptuosidade pacifica.

— Que ridiculo sermão de lagrimas — bra-

dou o folhetinista, dando uma accentuação comica ás palavras — para fazeres no fim a apologia do orgulho! Quem está em scena? O inevitavel poeta, que maldiz tudo, que se rebella contra tudo, que se irrita, que protesta, que se incommoda com tudo. Creaste um cão Cerbéro da civilisação, ladrando em eternas paginas, e amando em periodos incommensuraveis. Quem discute assim o que sente, não se sabe se sente para discutir, ou se discute para sentir!

— E deixaste o inconsolavel Affonso, estacado diante do leito do moribundo! — disse um.

— E abandonaste a saudosa Paulina, olhando com os olhos arrasados de lagrimas a face desfigurada de Mauricio, e não nos disseste, se foi multada nesse dia por faltar ao ensaio! — disse outro.

— E Magdalena, leu a carta, e conservou a rosa?

— Meus senhores, eu tenho um amigo, sceptico como um philosopho do seculo XVIII, e que declara ingenuamente, que toma ares pelo mundo, e que não val a pena de trazer muita bagagem, e de accumullar muita sciencia, para se arrastar monotonamente neste valle de lagrimas. Pediu-me que lhe pozesse á disposição um dos personagens do romance, e que dependesse delle o seu destino. Era um capricho de leitor *blasé*. Condemnou-m'o á morte: matei-o. Querem que lhe realise o mesmo desejo? D. Affonso sollicita uma candidatura, e no intervallo, vê crescer, por presentimento, as proporções do *abdomen*. Paulina canta nos coros de um theatro, e esconde com alvaiade e vermelhão as rugas prematuras de uma vida desordenada. Magdalena ensinava, ao que parece, a *salve rainha*, a tres ou quatro encantadoras creanças, que amotinam a casa e enchem de delicias os respeitaveis auctores de seus dias. Quanto á viscondessa, se querem, a todo o panno, que arranje a tudo uma solução, dir-lhe-hei que desgasta diariamente alguns rosarios, e que ouve irrevogavelmente a missa das oito.

Eu sou generoso, e sei condescender com os desejos dos meus amigos.

E accendi o meu quinto charuto, com aquella deliciosa soberania d'um creador em *leitura*, *interduo*, e *pandecta*.

Ecco ridente il cielo,
Già spunta la bella aurora.

Cantou um dos convidados com pronunciada intonação. Este principio d'aria do *Barbeiro de Sevilha*, quer dizer, que quando um auctor finalisa um romance, com uma tão apetecivel facilidade, e são horas de ir para o theatro, paga-se o consumo, e caminha-se gravemente para a *esthetica* e *plastica* d'uma representação.

Sairam todos: e eu *stenographei* esta sessão, em que nada se concluiu, como acontece a quasi todas as sessões deste mundo.

LOPES DE MENDONÇA.

FIM.

NÃO MORRI.

Ao meu amigo e antigo mestre o Sr. J. da C. Cascaes.

Lorsque l'ennui pénètre dans mon fort,
Priez pour moi: je suis mort, je suis mort!
Quand le plaisir à grands coups m'abreuvant
Gaiment m'assiége et derrière et devant,
Je suis vivant, bien vivant, très vivant!
Béranger.

428

Vivi outr'ora dos cantares sentidos
Que á Patria dava, que eu cedia a amor;
Os cantos de hoje de illusões despidos,
Do sêco tronco não borbulham flor!
A fé que eu tinha, que nascia d'alma,
Em pó desfeita pelo mundo eu vi:
Êrma — sosinha — do soffrer a palma,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Cantei saudades, ensinando á musa
Como ellas nascem sem o peito o qu'rer;
Á mente em chammas, no gosar illusa,
Oppuz saudades de um melhor viver.
Hoje, mendigo as affeições, que, outr'ora,
No peito virgem vigorar senti:
Hoje, só tenho, demorado embora,
Sonho que attesta qu'inda não morri!

É sonho immenso... que me diz que o morto,
Á voz do Christo surgirá de pé!
É sonho bello, que me traz conforto,
Nas brancas azas com que adêja a fé.
Por elle eu vivo, rastejando ao longe,
A ardente çarça que nas trevas vi;
Qual frouxa voz de penitente monge,
O canto attesta qu'inda não morri!

Por entre as sombras d'encantado brêjo
Tremúla incerta vacillante a luz.
Será d'esp'rança?.. ou fugaz lampêjo
Que o viajante á perdição conduz?

Embora! embora! reviveu-me n'alma
Tudo o que outr'ora mais feliz senti.
Ardente fogo que ninguem acalma
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Brandas endeixas, suspirando amores,
Aos eccos tristes da soidão cantei;
Humilde ramo, de mesquinhas flores,
De amor nas aras baloiçar deixei!
Depois a furto, mas com mão affoita,
Do ramo as rosas com afan colhi.
Só restam goivos, que o tufão açoita,
Que ás musas lembram qu'inda não morri!

Depois, as luctas desta pobre terra,
Chorei em cantos de crescido amor:
Musa do povo, caminhando á guerra,
Ouviu-lhe os eccos, pranteou-lhe a dor!
Ao longe... ao longe, no cerrar das fillas,
Os ais sentidos de quem morre ouvi;
Chorando as guerras destes novos Scyllas,
Ao mundo attesto qu'inda não morri!

Vagar nos campos que a bonina enfeita;
Saudar a lua que se perde além;
Brincar co'a brisa, que o rosal engeita,
E beija tremula a candida cecem;
São gosos loucos, que, um sonhar adulto,
Ao peito nega: mas que eu já senti!
Ternas memorias, que, em crescido vulto,
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Por ellas vivo, recordando ancioso,
Os castos brincos de infantil sentir.
Por ellas cresço, se atrevido ouso,
Pairar nos campos que eu já vi florir.
Santas memorias, que, adejas em volta
Ao berço pobre do cantor — surgi!
Ecco sumido que o meu peito solta,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Vivo — estou vivo — se é viver o élo,
Que o berço, á campa, n'um só nó prendeu;
Mudo fantasma sobre a campa velo,
De extinctas glorias que esta terra deu!
Vivo — estou vivo — que no peito affago
Fundas saudades do que já senti;
Sonhos mimosos d'esse tempo mago,
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Se as folhas verdes, do chorão, pendidas,
Lagrimas vertem quando o sol reluz;
É que lh'as trasem as canções sentidas
Que ao longe, e triste, o rouxinol traduz.
Assim minh'alma, vae ao longe, e pede,
Ao berço um ecco do que então senti:
Rica de sonhos que a ninguem já cede,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Embora ruja a tempestade, e avulte
Co'as azas negras a crescer... pairar;
Já me não temo que o baixel sepulte
Nas iras brutas de sanhudo mar.
Não temo, oh! não! porque a esp'rança salva
Tudo em que outr'ora com mais fé eu cri...
Bemdita sejas... pura estrella d'alva,
Que ao mundo attestas qu'inda não morri!

L. A. PALMEIRIM.

NOTA DO CAMÕES — ESTUDO HISTORICO POETICO.

Do Sr. A. F. de Castilho.

Com auctorisação do Sr. Antonio Feliciano de Castilho se publica o seguinte:

ORTROGRAPHIA.

429 A deste livro, a de todos os meus, a de todos os portuguezes, é fortuita, contradictoria; parte racional, parte empyrica. De ninguem é culpa esta anarchia; todos a deploram; todos a desejam terminada. Era praso para se festejar o apparecimento de um dictador com a missão de pacificar.

Exoriare aliquis! .....

Daqui até lá cada qual irá empregando e deffendendo o seu systema ou costume, como cada um se regula quanto ás horas pelo seu relogio, ou pelo da torre visinha. Eu, que não escrevo por minha mão, é que não deffendo nas minhas paginas coisa alguma dessas: como as palavras lidas me soem ao que devem, não me canço a tirar devassas de i i e y y, z z, e s s a cada uma. Mas pergunto ¿não seria possivel estabelecer em nossa lingua um padrão orthographyco por onde todos afferissem o seu escrever? termos uma boa e bem patente meridiana, por onde todos nos acertassemos? É mais que possivel, é facil, é facilimo, e de muito podera já estar realisado.

Era pelos fins do anno 1842: praticavamos sobre este mesmo assumpto o meu amigo José Frederico Pereira Marecos e eu; e o mesmo que lamentamos aqui, lamentava elle, mas com muito mais rasão, pois tinha a seu cargo a typographia nacional, de que era administrador, e que traçava levantar ao maior ponto de credito e perfeição, ambicionando como bom lettrado, que era, vir ainda a influir por aquelle estabelecimento notaveis beneficios na litteratura patria. Aventei-lhe eu, que, pois a Academia levantára mão de

seu antigo e tão bem estreado empenho de assentar a lingua patria, restava que nós, os amigos das lettras, nos confederassemos com fé e zelo para identico fim; que os desafiasse elle, convidando-os para uma aprazivel conferencia orthographyca na manhã de cada domingo; que depois de lançadas as bases do systema novo, o reduzissem a regras claras e faceis, afferissem e rectificassem por essas regras todos os termos da lingua, e emendados os digerissem n'um vocabulario, sem definições nem explicações, salvo nos rarissimos casos em que, duas palavras de diversa significação, ouvidas, se podessem equivocar: assim, com pouco dispendio de impressão, se offereceria aos que o quizessem, um guia ou manual orthographico com todas as vantagens desejaveis: baratesa, que poderia, até deveria o preço não passar de 100 ou 120 réis; modicidade de volume, para se poder levar em qualquer bolso sem incommodo; credito, por se saber fora feito com consciencia e sciencia; rapidez de consulta, por vir cada vocabulo descarnado de artigo; e até finalmente agrado, pela harmonia e coherencia. Tanto lhe cahiu em graça o arbitrio, que para logo se determinou em o dar á execução, obtendo todavia dos então ministros e secretarios d'estado a promessa (que nenhum delles recusou) de mandarem adoptar e seguir nas escriptas de suas respectivas repartições e dependencias, o novo vocabulario orthographyco. Todos os redactores de folhas periodicas da capital, pelo menos a maioria, e certo a melhoria delles, adheriram, como o Governo, á idéa de tão suspirada reformação. Sob estes auspicios favoraveis, se estreou o anno de 1843. Como esta historia não seja de mera curiosidade, mas sim de proveito, em quanto póde excitar outros animos para o desempenho do projecto, ainda pendente, não se me ha-de estranhar lançal-a eu aqui summariamente.

Eis o que se lia na REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE de 19 de Janeiro:

« Domingo 15 se reuniram, a rogos do Sr. Pereira Marecos, Dignissimo Administrador da Imprensa Nacional, na livraria da mesma, alguns dos litteratos distinctos, que se acham empenhados em regularisar a orthographia portugueza; necessidade por todos sentida e confessada, e tanto mais vergonhosa, quanto é já hoje esta a unica lingua do mundo, que a padece. Saímos daquella primeira conferencia persuadidos de que emfim — este problema, havido por irresoluvel, poderá chegar a desatar-se.

Assentados os fundamentos da orthographia no uso, analogia, e etymologia, tractarão os collaboradores de ir afferindo cada uma das palavras do vocabulario pelos principios ou regras geraes, em que houverem concordado, e registrando-as, por sua ordem alphabetica, á proporção e do modo como se forem approvando. — Este pequeno vocabulario, sem definições, e o mais completo, que for possivel, será estampado pela mesma Imprensa Nacional para uso seu e de todas as outras, que desejem adoptar o novo systema. Alguns redactores de jornaes, e muitos litteratos (e, dentro em pouco, serão todos os litteratos e redactores,) abraçarão, provavelmente sem restricções, um methodo, que, ainda quando em um ou outro ponto discrepe de suas idéas particulares, tem comtudo a immensa vantagem de nos reunir a todos nesta parte. É de crer que o Governo não tardará em contribuir para este fim, ordenando que nas secretarias de Estado e mais repartições suas dependentes se rejam por este novo diccionarinho como d'antes se governavam pelo Madureira: — e insensivelmente a orthographia portugueza apparecerá uma e determinada. »

Do mesmo periodico a 2 de Março do mesmo anno:

« Continua a congregar-se todos os domingos na bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior pontualidade e zelo a sociedade litteraria, que tomou a peito assentar as suspiradas e tardias pazes entre os ortógraphos portuguezes. As conferencias, que nunca duram menos de quatro horas, vão promettendo excellentes resultados. Por ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes: assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas umas pelas outras proceder-se-ha á sua applicacão a todos os vocabulos da lingua por sua ordem alphabetica. — Nenhum trabalho bem remunerado foi jamais feito com melhor vontade e maior affinco do que este, de que nem sequer uma gloriola se póde esperar em recompensa. »

Finalmente extraímos da mesma REVISTA de 16 de Março:

« No *Patriota* de 10 do corrente, lemos um artigo, assignado pelo Sr. A. Marques da Silva, no qual (sem que os illustres Redactores daquella folha accrescentassem coisa alguma para correctivo) se combate o nobre empenho, que alguns litteratos se imposeram de assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthographos portuguezes. — Figura-se, ao articulista, abominavel audacia nesses litteratos o pertenderem elles apresentar ao publico uma proposição de escriptura uniforme, que, se fôr acceita, porá ponto na vergonhosa anarchia, em que ainda a este respeito laboramos, e provavelmente facilitará, como em Hispanha, o estudo das primeiras lettras. — Podéramos responder ao articulista, que todas as revoluções litterarias são e foram sempre feitas por sociedades ou individuos; e não por auctoridades governativas, que para taes coisas não ha nem póde haver; — que todos os preceptistas, diccionaristas, grammaticos e orthographos tiveram sempre o direito de apresentar os seus alvitres, como o povo tem o de lhos acceitar ou recusar. O Madureira, que por muito tempo foi nas repartições publicas o legislador do a b c, não valia de certo mais que os 13 collaboradores deste futuro vocabulario, cujos nomes por sua ordem alphabetica são os seguintes: A. F. de Castilho — A. Herculano — A. J. Ramalho e Sousa — A. da Silva Tullio — J. A. Corrêa Leal — J. B. Almeida Garrett — J. C. de la Figanière — J. F. Pereira Marecos — J. de Sousa Pinto de Magalhães — J. da S. Mendes Leal, Junior — L. A. Rebello da Silva — L. J. Moniz — S. Pinheiro-Ferreira, presidente.

« Assim a exhortação que elle faz a seus pios ouvintes, para que não acceitem a novidade, é tão vã,

e tão absurda, quanto é ridiculo o seu fundamento, que é, segundo elle diz, o menospreço com que a Senhora REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, cujo illustre Redactor é um dos membros da referida sociedade, parece tractar a orthographya e os orthographos, dizendo que desse trabalho nem sequer uma gloriola se póde esperar em recompensa.

«Fracas são as ambições do illustre inimigo da orthographya se realmente se persuade — que de um opusculo orthographyco innominadamente composto por 13 individuos póde provir um tamanho luzeiro de celebridade, que a sua decima terça parte seja ainda bastante para deslumbrar de inveja a qualquer christão! Mas quando assim fosse, quando se soubesse com evidencia que todos os membros desta junta haviam trabalhado com a mesma intelligencia e fervor, que nenhum havia sustentado opiniões regeitadas pela maioria, como queria o articulista, que o Redactor da REVISTA UNIVERSAL, que elle mesmo dá por um dos da conjuração, dissesse, — de aqui ha-de-me provir uma fama digna de ser perpetuada em monumentos com estatuas! — ¡ não seria isso abusar tambem dos typos e da paciencia dos leitores!

«A sociedade orthographica trabalha com zelo e assiduidade por que intende, que está fazendo obra, que todos os portuguezes judiciosos, e não pirrhónicos, hão-de acceitar.

«E tão pouco é avara de tal honra, que de boamente a repartirá com todas as pessoas, litterariamente habilitadas, que desejem ajudal-a. — Venha o auctor do artigo, e venha quem quizer, que as portas da livraria da Imprensa Nacional para isso estão abertas todos os domingos, desde o meio-dia até ás quatro horas da tarde. Se forem tantos os collaboradores, que não caibam na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio ou no Terreiro do Paço para dar gosto ao Sr. Silva: teremos comicios orthographicos, teremos a democracia applicada á grammatica, o que não deixará de ser curioso, ao menos pela originalidade.»

Aqui tem os leitores o como a despeito de necedades ferrenhas e de ingratidões prematuras se ía teimando na boa diligencia.

Mandado pelo Governo estudar as melhores typographias de Paris e Londres, para vir aperfeiçoar (como aperfeiçoou) a nacional, saiu de Lisboa o Administrador e nosso amigo Marecos, secretario, que desde o principio fôra das conferencias orthographicas e seu mui activo excitador. Desde então parou tudo. Quando regressou havia muito que estava quebrado o fio, não foi possivel tornar-se a atal-o: para cumulo de miserias os apontamentos do já feito tinham-se perdido. Seis annos mais tem portanto durado esta indecente e repugnantissima anarchia, que bem podera então haver findado, com grande credito da nossa edade, e proveito ainda maior das patrias lettras.

Desde que introduzi nas escolas de leitura dos Amigos das Lettras e Artes em San Miguel o meu novo methodo, a experiencia me tem constantemente provado, o que aliás está dizendo o simples raciocinio, que a peior canceira para mestres e discipulos, e a mais ronceira rémora de progressos, é a arbitrariedade com que umas vezes, lettras diversas representam o mesmo valor; outras, as mesmas lettras representam valores differentes; toda a possivel reducção e simplificação nesta parte, seria passo de gigante para o philantropico *desiderandum* de saberem todos ler.

Oxalá que esta nota convencendo a quem possa e queira, da summa exequibilidade, dos promptos e prosperos effeitos do alvitre, concorra ao cabo para que elle vingue. Mais propozera eu agora se o ousasse a fim de precaver cançassos e entibiamentos de vontades, e outras causas de deserção nos collaboradores antes de finda a obra, e era que por lei se determinasse um subsidio aos litteratos que em tal se houvessem de empregar, os quaes então entendido está que deveram ser escolhidos e nomeados ou pela Academia Real das Sciencias ou pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino ou mesmo pelo Governo, depois de consultados e ouvidos ambos aquelles respeitaveis Corpos. Se algum maligno supposer que peço nicho para mim, por ter notado que desde o começo andei nesta diligencia, engana-se: quando isso se realisar se por ventura se realisar, e por mais cedo que se realise, já eu cá não estarei: da terra do nascimento me atirou a minha estrella, passa de dois annos, para dusentas leguas mar em fora; hoje, como se fosse ainda muito perto para desterro e muito pouco para martyrio, vai-me atirar peregrino para duas mil leguas e para outro mundo que a final me-ha-de comer os ossos; pelo que, o que peço e imploro aqui não é já para mim movido de *premio vil*, é sim que, apezar de tudo, sempre, até ao fim, e com todas as véras da alma —

A minha terra amei e a minha gente.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 20 de Junho.

DIARIO N.º 128.

430 Carta de lei determinando que se sobreesteja por 60 dias na relaxação das dividas provenientes de contribuições ou rendimentos publicos até ao segundo semestre de 1848; e que sejam annulados os conhecimentos aos estrangeiros até ao anno de 1842 assim como os conhecimentos da decima industrial lançada até 1849 ás pessoas residentes nestes reinos pelos capitaes que possuem em paizes estrangeiros.

DITO N.º 129.

Officio do Consul Geral no Rio de Janeiro dando parte do occorrido ácerca da febre amarella nos navios portuguezes estacionados naquelle porto.

Mappa da existencia e amortisação das notas do Banco de Lisboa.

Notas amortisadas até ao dia 3 de Maio	2.238:378$800
Amortisadas em 3 de Junho	70:080$600
Existentes em circulação	2.691:542$000

DITO N.° 134.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal em 31 de Maio de 1850.

DITO N.° 142.

Regulamento sobre a escripturação central do Ministerio da Fazenda e Thesouro Publico.

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA.

431 A luz electrica que depois de algumas brilhantes apparições em Paris, na praça da Concordia, no Carrousel, nos boulevards, nos theatros parecia não ter applicação vantajosa senão nos effeitos opticos da scena, ou nos amphitheatros dos cursos de physica, mostra-se de novo ousadamente.

Ha annos a esta parte notavam graves defeitos nesta illuminação. Diminuição rapida de intensidade logo desde os primeiros momentos, variações contínuas, extincção quasi a cada instante, necessidade do serviço de um operador incumbido de chegar, no acto em que a luz se apaga, os carvões de coke duro por entre os quaes passa o arco electrico luminoso.

Posteriormente, as indagações de Mrs. Staite e Petrie, que imitaram em Paris MM. Foulcout et Desains, com modificações mais ou menos felizes, levaram a illuminação electrica a um grau inesperado de regularidade. Póde então presumir-se que não distava muito a épocha em que, restringindo a questão á illuminação de uma praça publica, de um pharol, limitando-se a um só foco de luz, só restaria discutir o que respeita á economia e salubridade. Conseguiu-se manter a luz electrica quasi constante por espaço de muitas horas. Mas o alto preço dos aparelhos de illuminação permanente, fornecidos pelos constructores francezes, vedava a esta industria dilatar as suas applicações.

No mez de Junho proximo passado, novas experiencias feitas, em ponto grande em Paris, por Mr. Deleuil parece terem adiantado a questão. Mr. Deleuil illuminou as duas espaçosas frontarias da *Belle jardinière*, um dos nossos maiores estabelecimentos de fato feito; e dahi a dias illuminou tambem a eschóla de natação, situada junto á esplanada da Pont-Neuf. Não obstante a chuva e o vento sudoeste, que fustigavam os dois pólos de carvão, o foco de luz despedia sobre as pontes des Arts e do Carrousel e sobre os cáes uma luz que deslumbrava.

Suppõe-se que Mr. Deleuil serve-se de um apparelho regulador simples e barato: muitos desses apparelhos, com a pilha de carvão central que de preferencia emprega, já tem sido exportados para paizes estrangeiros. Esperam-se ainda novos aperfeiçoamentos devidos á perseverança e talento do mesmo artista.

JUBILEU DO ANNO SANTO.

432 O corrente anno de 1850 é um dos marcados como periodo de grande jubileu. Ha tempos que se esperava o annuncio desta épocha de indulgencias e de orações. A final, uma carta do Cardeal Orioli, prefeito da sagrada congregação dos bispos e regulares, datada de 2 de Julho proximamente findo, em fórma de circular, declara que Sua Santidade auctorisa todos os bispos do orbe catholico, para abrirem no decurso deste anno o jubileu maximo com indulgencia plenaria.

MARINHA DE GUERRA.

Um jornal inglez publicou a seguinte estatistica das principaes marinhas de guerra, que o *Nacional* transcreveu: —

433

	Náos.	*Fragatas.*	*Brigues.*	*Vapores.*
Inglaterra	94	109	360	147
Russia	50	25	»	»
França	46	49	85	74
Estados-Unidos	11	15	45	6
Austria	8	8	10	7
Dinamarca	7	8	15	5
Napoles	2	6	8	15
Portugal	1	5	27	4
Brazil	1	8	13	8
Sardenha	»	8	8	3

No dia 1.° do corrente anno, a marinha ingleza em serviço activo consistia em 19 náos de linha, 18 fragatas, 87 brigues e corvetas e 87 vapores, total 211 vasos.

REFORMA NA ARTILHERIA.

Diz o *Indépendant* de la Moselle: —

434 « Uma commissão composta de officiaes de artilheria, presidida por um general da mesma arma, acaba de installar-se em Metz para fazer experiencias com uma peça de campanha, que o presidente da republica propõe para substituir as peças de diverso calibre empregadas até agora em varios serviços. Estão-se fundindo em Strasburgo modelos do canhão inventado por Luiz Napoleão, e prestes chegarão a Metz, para serem submettidos ás experiencias pelos peritos.

« O tenente general Paixhans havia proposto desde o anno de 1844 importantes melhoramentos na artilheria de campanha; mas consta-nos que as idéias do presidente são exclusivamente suas, sem que tomasse coisa alguma das do nosso distincto compatricio.

CURA DA CHOLERA.

435 O *Indian Times* refere que o doutor Macrae, cirurgião civil em Howrak (India britannica) descubrira um novo tratamento da cholera asiatica, que parece haver produzido o melhor exito. O doutor faz respirar

aos cholericos certa quantidade de gaz oxygenio, o qual communica a toda a organisação um vivo estimulo, depois do que entra o enfermo n'um somno reparador; e ao despertar acha-se já bom, e sente só uma debilidade geral que se dissipa facilmente com o auxilio dos meios ordinarios. Mr. Macrae experimentou já o seu curativo em 15 marinheiros europeus, que foram transportados ao hospital de Howrak, estando chegados ao ultimo periodo da enfermidade. Bom exito coroou em todos os quinze casos a habilidade do facultativo.

BENÇÃO DA PESCA.

A *Semaine*, de 12 de Julho ultimo, copia do jornal de Lorient um artigo, que extractamos:

436 Por antigo e santo costume, faz-se annualmente na festa de S. João Baptista, a benção dos barcos e aparelhos, que é para assim dizer o aviso official dessa campanha maritima, a pesca da sardinha, de que em muita parte depende a existencia do povo destas costas. O contra-almirante Suin quiz honrar com a sua presença, esta pia solemnidade, á qual foram convidadas as principaes auctoridades do arsenal. Ás duas horas precisas, foi annunciada a partida das canoas por um tiro de peça, disparado de bordo do brigue da estação *le Lézard*, que logo se empavezou todo. Ás tres horas o comboy, navegando em tres linhas, indo á frente da central a embarcação chefe, chegou a Larmor, e salvou com tres tiros de peça em honra de Nossa Senhora de Larmor, mui venerada dos maritimos. Então o clero de Plœmeur, a que se juntaram muitos ecclesiasticos de fóra, sahiu da igreja, precedido de cruz alçada e dos guiões da parochia, acompanhando grande concurso de fieis; vieram botes recebe-los e fizeram-se ao largo, festejando-os os descantes dos barcos da terra que flanqueavam a esquadrilha, que denominavam *official*. Assim progrediu o comboy vagarosamente, em boa ordem, até perto de uma milha da ponta de leste do ilheu de Groix. Perto das cinco horas chegaram ao ponto principal, onde estavam reunidas sob a protecção da marinha do estado, as tripulações pescadoras de Port-Louis, de Locmalo, de Gavre, de Larmor e da ilha de Groix. Todo o clero passou para um barco, onde o prefeito maritimo, com o seu ajudante, assistiu de cabeça descoberta á cerimonia, objecto da reunião. Entoados os canticos e o hymno *Ave Maris Stella*, repetido por toda a gente das barcas que nos rodeavam, o padre Mauricio, capellão do hospital de Lorient que officiava, benzeu o mar e a companhia circumstante, ao som de uma salva de vinte e um tiros dados a bordo do *Lézard*. Por fim cantou-se o *Te Deum*, e seguiu-se uma immensa exclamação de «viva a pesca da sardinha!» — Findo o acto, separaram-se as esquadrilhas cada uma para o seu porto e destino de pesca.

THEATRO DE S. CARLOS.

437 Estamos informados de que ainda será possivel no presente anno, termos theatro italiano, se o Governo, attendendo á vantagem publica deste assumpto, resolver com promptidão uma vantajosa proposta que lhe é offerecida pelo Sr. Cambiaggio e dois capitalistas. Sabemos que não falta quem trabalhe em inutilisar este plano; mas devem saber que o theatro não póde ser patrimonio de um individuo, nem póde continuar no vergonhoso estado em que o temos visto nos ultimos annos. O Governo não deve perder a occasião de aproveitar uma empreza nova. É mister que uma vez sáia errada a especulação repetida de não fazer propostas para depois dictar a lei. Hoje as circumstancias mudam na presença da nova empreza que se appresenta. O publico ha de ser severo com as consequencias destes factos.

ARMAS DE FOGO.

O nosso correspondente de Villa Nova d'Ourém escreve-nos o seguinte: —

438 Ahi vae mais um facto, pelo qual se prova, quanto é perigoso lidar com armas de fogo, quando estão carregadas.

No dia 28 do passado no logar de Valenção, freguezia da Sabacheira, deste concelho, seriam 10 horas da manhã, conversava, mui socegadamente, com Marianna de Jesus, daquelle logar, e á sua porta, Manuel Ferreira, da Agua Boa, da mesma freguezia, com as costas voltadas para a rua: nesta occasião voltava de uma sua fazenda, Ignacio Lopes Matheus, filho da referida Marianna, com uma espingarda na mão, carregada e armada, e, porque ao entrar no pateo, que precede a casa, viu o dito Manuel Ferreira, de quem era amigo, e com quem convivia na melhor harmonia, na postura já declarada, tentou fazer-lhe uma surpresa, e approximando-se subtilmente, tocou-lhe, com a ponta do cano da espingarda, na extremidade inferior da columna vertebral em sitio correspondente ao osso sacro, e tanto bastou para que a espingarda, descarregando-se, introduzisse o chumbo e buxas á queima-roupa, dirigindo-se para a bexiga, aonde todos estes corpos estranhos se conservam.

Começou logo o desgraçado a sentir os effeitos, e estragos do grave ferimento. Sendo, porém, chamado um curandeiro, que reside ahi proximo, que gosa das honras, e proveitos de cirurgião, como muitos outros, de que este concelho abunda, declarou que o caso era ligeiro, e de pouca gravidade, e que elle respondia pela cura: o ferido transpassado de dores agudissimas, confiou pouco em prognosticos tão lisongeiros, e requereu que fosse chamado um verdadeiro cirurgião, que vendo-o e examinando-o, declarou logo que as feridas eram mortaes, e que o doente poucas horas contaria de vida, e assim aconteceu, porque no dia seguinte ao do ferimento, e quasi á mesma hora, elle expirou; e tão violenta foi a causa desta morte, e tão essenciaes á vida os orgãos offendidos, que poucas horas depois do fallecimento, começaram a desenvolver-se os signaes de putrefacção em todo o cadaver.

Assim expirou este desgraçado na edade de 27 annos, casado ha dois, e pae de uma orphãzinha, a

quem nem ficaram meios de vida, nem quem lh'os grangeie: o finado era estimado, não só naquelle logar, mas em toda a freguezia, e a sua desastrada terminação causou o maior sentimento em quantos o conheceram.

O agressor que orça pela mesma edade do morto, advertido do mal que causára, (ao que parece) involuntariamente, e com grande sentimento seu, despedaçou a arma mortifera, pouco depois do tiro disparado, e ausentou-se da casa paterna, na resolução, segundo se diz, de lá não voltar mais, ou pelo menos tão cedo, e assim, por uma desgraça, talvez, bem casual, choram ao mesmo tempo, uma viuva a morte de seu marido, e a mãe a ausencia de seu filho.

N. I.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 14 de Agosto.

439 Fundos publicos de 5 por cento, 49. — Acções do Banco de Portugal, 378$000 rs. — Desconto de Notas a 240.

BIBLIOGRAPHIA.

440 COMPENDIO DE CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA PARA USO DAS AULAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA, por *João Felix Pereira*, professor de geographia, chronologia e historia no licêo nacional de Lisboa.

Vae publicar-se dentro de poucos dias. — Assigna-se sómente na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8. Preço 240 rs.

Sahio á luz o NOVO JARDINEIRO ou modo de cultivar os jardins; segunda edicção augmentada com um breve tractado de lavoura, e varias receitas uteis aos lavradores, ornado de oito estampas illuminadas, 1 vol. brochado, vende-se por 400 réis, na loja de Bordalo, rua Augusta n.° 195, e no Porto na de Cruz Coitinho, na Covilhã, na de Veiga.

GENOVEVA

POR LAMARTINE.

A DEZ RÉIS A FOLHA EM 4.°

Com o n.° de hoje se distribuem pelos nossos assignantes da capital as primeiras duas folhas da traducção desta excellente obra de LAMARTINE, cuidadosamente traduzidas pelo traductor deste Jornal.

A Redacção da REVISTA espera que os seus assignantes acceitem estas folhas, e honrem a obra com a sua assignatura. E por este meio especial, roga a todas as pessoas a quem essas folhas se remettem, as acceitem, agradecendo desde já as provas de consideração que esta mui efficaz recommendação poderá merecer.